

الدين الصحيح

(باللغة البرتغالية)

A Verdadeira Religião de Deus

Dr. Abu Ameenah Bilal Philips

Tradução: Abu Ayoub

Revisão: Lic. Muhammad Isa García

Copyright © 1428 H., 2007 DC – Este livro é propriedade literária. Pode ser usado no todo ou em parte, desde que a informação citada não seja usada fora de contexto.

Gostaríamos de expressar os nossos verdadeiros agradecimentos para com aqueles que, de algum modo, contribuíram para a sua publicação. Que Allah os recompense pelos seus esforços. Caso possuirdes correcções, comentários ou questões relativas à presente publicação, não hesiteis em contactar-nos para:

en@islamhouse.com

Publicado por:

The Islamic Propagation Office in Rabwah

Tel. +4454900 - 4916065 Ext. 26 - 27

Email: en@islamhouse.com

www.islamhouse.com

Conteúdo

- Qual é a Verdadeira Religião de Deus?
- O Nome da Religião
- Deus e a Criação
- A Mensagem das Falsas Religiões
- A Universalidade das Religiões de Deus
- Reconhecer a Deus
- Os Sinais de Deus
- Conclusão

Qual é a Verdadeira Religião de Deus?

Cada ser nasce em circunstâncias que, de modo algum, são de sua escolha. A religião professada pela família, ou respectiva ideologia, são-lhe impostas desde o minuto primeiro da sua existência. Ao atingir a adolescência, é normal a pessoa acreditar plenamente que, as crenças da sociedade em que se encontra inserida, são os verdadeiros credos em que todos deveriam acreditar. Contudo, algumas, ao atingirem a vida adulta e quando expostas a outros sistemas de crenças, começam a questionar a validade daquilo em que acreditam e que lhes foi transmitido. Frequentemente, é imensa a confusão daqueles que buscam a verdade, quando comprehendem que todas as religiões, seitas, ideologias e filosofias reivindicam ser o único e verdadeiro caminho a seguir pelo ser humano. De facto, todas elas encorajam o ser humano a praticar o Bem. Assim sendo, qual a que está certa? De forma alguma o podem estar todas, visto cada uma delas afirmar a incorrecção das outras. Deste modo, como podemos nós escolher a verdadeira, aquela que realmente busca a verdade?

Deus concedeu a todos cérebro e intelecto, de modo a permitir-nos tomar esta decisão crucial, a qual é a

mais importante da vida do ser humano, visto dela depende o seu futuro. Por conseguinte, há que examinar a frio aquilo que nos é apresentado, e escolher aquilo que nos parece ser o certo, até prova em contrário.

Tal como todas as outras religiões e filosofias, também o Islão reivindica ser o único e verdadeiro caminho em direcção a Deus. Relativamente a isto, em nada difere dos restantes sistemas. A intenção do presente folheto consiste em apresentar provas que sustentem esta reivindicação. Contudo, há que ter sempre presente que a pessoa apenas pode proceder à escolha do verdadeiro caminho, se se alhear de emoções e preconceitos, os quais muitas vezes nos cegam e afastam da realidade. Depois, e apenas depois, é que estamos aptos a usar a inteligência que nos foi cedida por Deus, e a tomar uma decisão correcta e racional.

São vários os argumentos existentes que podem apoiar a reivindicação Islâmica de ser a verdadeira religião de Deus. Os que a seguir se apresentam são apenas três dos mais óbvios. O primeiro, baseia-se na origem divina do nome da religião e na compreensão do seu significado. O segundo, tem a ver com os ensinamentos simples e únicos no que respeita ao

relacionamento entre Deus, o Ser Humano e a Criação. O terceiro, deriva do facto do Islão ser universalmente alcançável por todos os seres humanos, independentemente da época em que vivam ou tenham vivido. Estes são os três componentes base daquilo que é tido como necessariamente lógico e razoável a uma religião possuir, de modo a que possa ser considerada a verdadeira religião de Deus. Nas páginas seguintes proceder-se-á a um desenvolvimento mais pormenorizado destes conceitos.

O Nome da Religião

Relativamente ao Islão, a primeira coisa a ter em conta e entender, é o significado da própria palavra. A palavra Árabe “Islão” significa “submissão ou renúncia da vontade própria ao Deus Único e Verdadeiro”, em Árabe conhecido pelo nome de “Allah”. Aquele que, segundo a terminologia Árabe, submete a sua vontade própria aos desígnios de Deus é designado por “Muçulmano”. A religião Islâmica não deve o nome a uma pessoa ou a povo, e nem este foi decidido por uma geração posterior, como é caso do Cristianismo, cujo nome é devido a Jesus Cristo, do Budismo a Gautama Buddha, do Confucionismo a Confúcio, do Marxismo a Karl Marx, do Judaísmo à Tribo de Judá e do Hinduísmo aos Hindus. O Islão (submissão à vontade de Deus) é a religião confiada a Adão, o primeiro homem à face da Terra e o primeiro Profeta de Deus, e é a religião de todos os Profetas enviados por Deus. Além disso, o nome foi escolhido pelo próprio Deus, e especificamente mencionado na Escritura Final por Ele revelada ao ser humano. Em Árabe, esta Escritura é conhecida pelo nome de Alcorão, e nela Deus estabelece o seguinte:

«Hoje, completei a vossa religião para vós; e aprovei como religião, para vós, Al İçlam (o Islão, i.e. “a submissão” a Allah)». (Alcorão, 5:3).

«E quem quer que deseje outra religião que não seja o Islão (submissão a Deus), nunca lhe será aceita». (Alcorão, 3:85).

Por conseguinte, o Islão não reivindica ser uma nova religião introduzida pelo Profeta Muhammad ﷺ na Arábia no século sétimo, mas antes uma reexpressão na sua forma final da verdadeira religião do Todo-Poderoso Allah, conforme originalmente revelada a Adão e subsequentes Profetas.

Chegados aqui, podemos comentar de forma breve outras duas religiões que afirmam ser o verdadeiro caminho. Em parte alguma da Bíblia é possível encontrar referência do facto de que Judaísmo é o nome da religião revelada por Deus ao Profeta Moisés e aos seus descendentes, ou que Cristianismo é o nome daquela que é professada pelos seguidores de Cristo. Por outras palavras, os nomes “Judaísmo” ou “Cristianismo” não possuem origem ou aprovação divina. Apenas muito tempo após a sua partida, é que o nome Cristianismo foi dado à religião dos seguidores de Jesus.

Assim sendo, em quê difere de facto a religião de Jesus daquela que adoptou o seu nome?¹ A religião de Jesus reflecte-se nos seus ensinamentos, os quais este incitou os seus seguidores a aceitarem enquanto princípios orientadores do seu relacionamento com Deus. Para o Islão, Jesus é um Profeta enviado por Allah, sendo que o seu nome em Árabe é 'Issá. Tal como os Profetas que o precederam, Jesus convocou os povos a que submetessem a sua vontade à Vontade de Deus (que é aquilo que o Islão defende). Por exemplo, no Novo Testamento é dito que Jesus ensinou os seus seguidores a orar a Deus da seguinte forma:

“Pai-nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso Reino, seja a Vossa vontade, assim na Terra como Céu”. (Lucas 1 1:2 / Mateus 6:9–10)

Tal conceito foi várias vezes enfatizado por Jesus em declarações registradas nos Evangelhos. Ele disse, por exemplo, que o Paraíso seria apenas daqueles que se submetessem.

“Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus”. (Mateus 7:21)

Jesus realçou também o facto dele próprio submeter-se à vontade de Deus.

“Por mim mesmo não posso fazer coisa alguma. Julgo como ouço; e o meu julgamento é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade d’Aquele que me enviou”. (João 5:30)

São várias as referências contidas nos Evangelhos onde Jesus afirma não ser ele o Único e Verdadeiro Deus. Por exemplo, ao falar do Último Dia, Jesus diz o seguinte:

“A respeito, porém, daquele dia ou daquela hora, ninguém o sabe, nem mesmo os Anjos do Céu, nem o Filho, mas somente o Pai”. (Marcos, 13:32)

Assim sendo, Jesus, tal como os Profetas que o precederam e o único que se lhe seguiu, ensinou a religião do Islão: submissão à vontade do Deus Único e Verdadeiro.

Deus e a Criação

Visto a submissão total a Deus da vontade pessoal representar a essência da veneração, a mensagem fundamental da religião divina, o Islão, consiste em adorar a Deus somente, exigindo também que se evite prestar culto a uma pessoa, lugar ou coisa. Uma vez que tudo aquilo que existe, com exceção de Deus, o Criador de todas as coisas, é Criação Sua, pode dizer-se que o Islão apela ao Homem que se afaste do culto ao que foi criado, convidando-o a adorar ao Criador somente. Apenas Ele é digno de ser adorado, pois apenas por vontade Sua as preces são ouvidas.

Assim sendo, se um homem reza a uma árvore e as suas preces são ouvidas, não é a árvore que as realiza, mas sim Deus. Podemos dizer que isso é óbvio; contudo, para aqueles que adoram a árvore, não o é. Do mesmo modo, aqueles que rezam a Jesus, Buda, Krishna, São Cristóvão, São Judas ou até mesmo Muhammad ﷺ e são atendidos, não o são por eles, mas sim por Deus. Jesus não pediu aos seus seguidores que o adorassem, mas sim que adorassem a Deus, tal como é referido pelo Alcorão:

«E quando Allah disse: “Ó Jesus, filho de Maria! Disseste tu aos homens: ‘Tomai-me a mim e a minha mãe por duas divindades, além de Deus?’” Ele disse: “Glorificado sejas! Como poderia eu ter dito o que para mim não é verdade?» (Alcorão 5:116).

Do mesmo modo, não era a si mesmo que Jesus adorava quando prestava culto, mas sim a Deus, sendo citado nos Evangelhos por ter dito o seguinte:

“Está escrito: «Adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás». (Lucas 4:8)

É possível encontrar este princípio fundamental no capítulo de abertura do Alcorão, conhecido pelo nome de Surah al-Faatihah, versículo 4:

«A Ti, somente, adoramos, e a Ti, somente, pedimos ajuda». (Alcorão 1:4)

Numa outra parte do Alcorão, o último Livro revelado, Deus também disse:

«E o vosso Senhor disse: Invocai-Me, que Eu vos atenderei». (Alcorão 40:60)

É fortemente enfatizado o facto da mensagem base do Islão (nomeadamente, adorar a Deus somente) proclamar também que Deus e a Criação são duas entidades distintas. Deus não é igual à Sua Criação

e nem é parte dela. Do mesmo modo, também a Criação não é igual a Ele ou parte d'Ele.

Isto pode parecer óbvio; contudo, aqueles que adoram a Criação, e não a Deus, ignoram ou negligenciam de forma grosseira este conceito. É a crença de que a essência de Deus encontra-se em toda a Sua Criação, ou que é possível encontrar a Sua divina presença em determinadas partes dessa Criação, que proporciona justificativa a este culto ao que foi criado, dizendo tratar-se do culto a Deus. Todavia, a mensagem do Islão, conforme transmitida pelos Profetas de Deus, é a de que devemos adorar a Deus somente e evitar prestar culto, directa ou indirectamente, à Sua Criação.

No Alcorão, Deus refere o seguinte:

«E, na verdade, enviamos para cada povo um Mensageiro (com a ordem): Adorai a Deus e afastai-vos dos falsos deuses (Tagute)». (Alcorão 16:36).

Quando questionados acerca do motivo pelo qual se prostram perante criações humanas, os adoradores de ídolos respondem, invariavelmente, que o que estão realmente a adorar não é a imagem em pedra, mas sim Deus aí representado. Afirmam eles que, o ídolo em pedra, representa apenas um ponto fulcral

da essência divina, não sendo, pois, o próprio Deus! Aquele que aceitou o facto de que a essência de Deus encontra-se presente em toda a Sua Criação, é obrigado a aceitar este argumento defensor da idolatria. Contudo, quem quer que compreenda a mensagem fundamental do Islão e as suas implicações, não aceitará jamais a idolatria, por mais racionalizada que esta esteja.

Aqueles que, ao longo dos tempos, afirmaram ser Deus ou deuses, basearam esta sua reivindicação na crença errónea de que Deus encontra-se presente no Homem. Tendo por base este raciocínio, defendiam que neles a presença de Deus era mais forte do que nos restantes seres humanos, pretendendo, pois, que as pessoas se submetessem a eles e lhes prestassem culto. Do mesmo modo, também aqueles que, após a morte de outros, insistiram na sua divinização, encontraram terreno fértil entre os que aceitam tal crença.

Chegados a este ponto, deve já ser claro que, aqueles que compreendem a mensagem base do Islão e as suas implicações, não aceitarão jamais o culto prestado a um outro ser humano, seja em que circunstâncias for. Em essência, a religião de Deus é um apelo claro ao culto prestado ao Criador e a re-

jeição da adoração à Criação, seja em que forma for. É este o significado do lema do Islão:

“Laa Ilaa illaa Allah”. (Não existe outra divindade para além de Allah)

A declaração sincera desta frase e a aceitação da profecia torna, automaticamente, a pessoa Muçulmana, sendo a fé verdadeira no que é dito garantia do Paraíso. De facto, o último Profeta do Islão ﷺ, disse o seguinte: “Aquele que disse: «Não existe outra divindade para além de Allah», e morreu acreditando nisso, entrará no Paraíso”.

Acreditar nesta declaração de fé exige que a pessoa submeta a sua vontade à de Deus, conforme ensinado pelos Profetas. Exige também que o crente abandone o culto prestado a falsos deuses.

A Mensagem das Falsas Religiões

São tantas as seitas, os cultos, as religiões, as filosofias e os movimentos existentes à face da Terra, proclamando cada um deles ser o único e verdadeiro caminho em direcção a Deus. Como podemos nós decidir qual o que está correcto ou, se de facto, os estão todos? Um dos métodos que permite responder a tal questão, consiste em clarificar as diferenças superficiais existentes nos ensinamentos dos vários chamamentos para a verdade última, e que, directa ou indirectamente, identifica o objecto central de culto ao nome pelo qual são conhecidos. Todas as falsas religiões partilham de um mesmo conceito base, isto no que respeita a Deus: ou afirmam que todos os Homens são deuses, ou que determinados homens foram Deus, ou que a natureza é Deus, ou então, que Deus não passa de um produto da imaginação humana.

Assim sendo, podemos afirmar que, a mensagem base das falsas religiões é a de que Deus pode ser adorado na forma da Sua Criação. Ao concederem à Criação ou a alguns dos seus aspectos o nome de Deus, as falsas religiões convidam o ser humano a adorá-la. Por exemplo, o Profeta Jesus incitou os seus seguidores a que adorassem a Deus; contudo,

os que hoje afirmam ser os seguidores de Jesus, investigam as pessoas a adorarem-no, afirmando que ele é Deus.

Buda foi um reformador, a quem se deveu a introdução de vários princípios humanistas na religião praticada na Índia. Contudo, ele não afirmou ser Deus e nem sugeriu aos seus seguidores que fizessem dele um objecto de culto. Tal facto não impediu, todavia, que a grande maioria dos actuais Budistas existentes fora da Índia o tomassem como Deus, e construíssem ídolos de acordo com a sua percepção, perante os quais se prostram.

Ao utilizarmos o princípio da identificação do objecto de culto, podemos facilmente detectar as falsas religiões, assim como a natureza fabricada da sua origem. Conforme Deus diz no Alcorão:

«Não adorais a Ele, mas a nomes que inventastes, vós e os vossos pais, para o que Deus não vos investiu de autoridade alguma. O juízo somente pertence a Deus, que vos ordenou para que não adorásseis senão a Ele. Tal é a verdadeira religião; porém, a maioria dos seres humanos o ignora». (Alcorão, 12:40).

Podemos argumentar que, se todas as religiões ensinam coisas boas, porque motivo devemos nós preocuparmo-nos com a que seguimos? A resposta consiste no facto de todas as falsas religiões ensinarem o maior dos pecados, que é o da adoração prestada à Criação. Este é o maior dos pecados que o ser humano pode cometer, visto contradizer o próprio objectivo pelo qual foi criado. A Criação do ser humano verificou-se para que este adorasse a Deus somente, conforme Allah claramente explica no Alcorão:

«E não criei os gênios e os humanos, senão para Me adorarem». (Alcorão 51:56).

Consequentemente, o culto prestado à Criação, e que é a base da idolatria, constitui o único pecado verdadeiramente imperdoável. Aquele que morre em tal estado de idolatria, determinou já o seu destino na próxima vida. Isto não é uma opinião, mas sim algo revelado por Deus na Sua última revelação ao Homem:

«Na verdade, Deus não perdoa que se Lhe associe companheiro; Mas Ele pedoa tudo, salvo isso, a quem Ele quer». (Alcorão 4:48,116)

A Universalidade das Religiões de Deus

Visto as consequências de se seguir uma falsa religião serem tão graves, a verdadeira religião de Deus foi universalmente compreensível e alcançável no passado, e assim deverá permanecer eternamente, de modo a ser compreendida e alcançada por todos aqueles que existem à face da Terra. Dito por outras palavras, a verdadeira religião de Deus não pode encontrar-se confinada a um único povo, local ou período histórico. Do mesmo modo, é também ilógico que uma religião imponha condições que nada têm a ver com o relacionamento existente entre Deus e o ser humano, como é o caso do baptismo, a crença no homem como salvador, ou a necessidade de haver intermediários. No princípio base do Islão e na sua definição (a sujeição da vontade pessoal a Deus) encontram-se as raízes da universalidade do Islão. Sempre que o ser humano comprehende que Deus é Uno e diferente da Sua Criação, a Ele submetendo-se, torna-se Muçulmano de corpo e alma, podendo a sua entrada no Paraíso vir a acontecer.

Consequentemente, qualquer pessoa, mesmo que se encontre no mais remoto dos locais à face da Terra, pode tornar-se Muçulmano, um dos seguidores da religião de Deus, o Islão, bastando para isso rejeitar

o culto prestado à Criação e aceitar unicamente a Deus. No entanto, há que ter em conta que, para que a sujeição da vontade pessoal a Deus se verifique realmente, é necessário escolher constantemente entre o Bem e o Mal. De facto, Deus concedeu ao ser humano não apenas a capacidade de diferenciar o Bem do Mal, mas também o poder de escolher entre ambos. Esta concessão divina acarreta uma enorme e importante responsabilidade, nomeadamente o facto do ser humano ser responsável pelos seus actos perante Deus. Assim sendo, o ser humano deve esforçar-se ao máximo, de modo a praticar o Bem e evitar o Mal. Estes conceitos encontram-se assim expressos na última revelação:

«Na verdade, aqueles que crêem (no Alcorão), e aqueles que são Judeus, Cristãos e Sabeus — enfim todos aqueles que crêem em Deus, e no Último Dia, e praticam o bem, terão a sua recompensa do seu Senhor; nenhum temor existirá neles, nem se afligirão». (Alcorão, 2:62).

Se, por alguma razão, o ser humano rejeitar a última mensagem, depois desta lhe ter sido claramente explicada, encontra-se em grande perigo. O último dos Profetas disse o seguinte:

“Aquele que, de entre os Cristãos ou Judeus, ouvir falar em mim, mas recuse afirmar acreditar naquilo que eu transmito, ao perecer nesta situação, encontrar-se-á entre os habitantes do Inferno”. (Sahih Muslim [Tradução Inglesa], volume I, pág. 91, nº. 284).

Reconhecer a Deus

A questão que aqui se coloca é a seguinte: podemos esperar que todos os povos acreditem no Deus Único e Verdadeiro, tendo em conta os vários meios, culturas e sociedades existentes? Para que as pessoas sejam responsabilizadas pelo culto a prestar ao Deus Único e Verdadeiro, é necessário que todas O conheçam e tenham acesso a esse conhecimento. A última revelação ensina que todos os seres humanos têm impresso nas suas almas o reconhecimento do verdadeiro e único Deus, como parte da própria natureza pela qual foram criados.

No sétimo capítulo do Alcorão (al-A'raaf, versículos 172-173), Deus explica que, quando criou a Adão, criou toda a sua descendência, à qual exigiu um juramento, dizendo:

«“Não sou o vosso Senhor?” Disseram: “Sim, nós testemunhamo-lo”». (Alcorão, 7:172).

Seguidamente, Deus explicou porque motivo havia exigido a toda a Humanidade que testemunhasse ser Ele o seu Criador e o Único e Verdadeiro Deus digno de ser adorado. Neste sentido, Deus disse o seguinte:

«Isso, para não dizerdes, no Dia da Ressurreição:
“Na verdade, nós não estávamos cientes disso”».
(Alcorão, 7:172).

Isto significa que nos é impossível afirmar que, naquele dia, não tínhamos ideia de que Allah é o nosso Senhor e que ninguém nos disse que O deveríamos adorar a Ele somente. Allah explicita-o ainda de forma mais concreta:

«Ou, para não dizerdes: “Na verdade, foram os nossos pais que idolatravam e nós somos só a sua descendência, após eles; destruir-nos-ás, acaso, pelo que fizeram aqueles defensores da falsidade?”» (Alcorão, 7:173).

Assim sendo, toda a criança nasce portadora de uma crença natural em Deus e com uma inclinação inata a adorá-Lo a Ele somente. Em Árabe, esta crença e inclinação inatas têm o nome de “Fitrah” .

O Profeta Muhammad ﷺ refere que Deus disse o seguinte: “Criei os meus servos dentro da verdadeira religião; contudo, o demónio faz com que eles se afastem”. Do mesmo modo, o Profeta disse também: “Toda a criança nasce em estado de Fitrah. Seguidamente, os pais fazem dela um Judeu, um Cristão ou um Zoroastriano”. Se a criança for deixada só,

ela adorará a Deus à sua própria maneira: contudo, todas as crianças são afectadas pelo meio que as circunda. Assim sendo, do mesmo modo que a criança se submete às leis físicas, impostas à natureza por Allah, também a sua alma se submeterá naturalmente ao facto de que Deus é o seu Senhor e Criador. Todavia, se os pais tentam obrigar-a a seguir um caminho diferente, verifica-se que, nos primeiros estágios da sua vida, a criança não é suficientemente forte para resistir ou opor-se à vontade dos progenitores. Em tais casos, a religião seguida pela criança é aquela em que nasceu e segundo a qual é educada e, até uma determinada etapa da sua vida, Deus não a castigará pela religião professada.

Os Sinais de Deus

Ao longo da vida de uma pessoa, desde que esta nasce até que falece, são-lhe revelados os sinais do único e verdadeiro Deus (ár. Allah). Deus diz o seguinte no Alcorão:

«Nós mostrar-lhes-emos os Nossos sinais em todas as regiões (da terra) e neles mesmos, até que lhes seja esclarecido que ele (o Alcorão) é a verdade». (Alcorão, 41:53).

O que a seguir se apresenta, constitui um exemplo de como Deus se revelou a um homem através de um sinal, mostrando-lhe o quanto errado ele estava, ao adorar a um ídolo. Na região a sudoeste da selva Amazônia, Brasil, América do Sul, uma tribo ergueu uma cabana para hospedar o seu ídolo, Skwatch, a quem consideravam ser o Deus supremo de toda a criação. No dia seguinte à construção, um jovem entrou na cabana para homenagear o Deus. Enquanto estava prostrado perante aquilo que lhe haviam ensinado tratar-se do Criador e Sustentáculo do Mundo, um cão velho, pulguento e asqueroso, entrou na cabana, tendo o jovem erguido a cabeça mesmo a tempo de o ver urinar sobre o ídolo.

Escandalizado, o jovem correu-o para fora do templo; contudo, finda a fúria, percebeu que o ídolo não podia ser o Senhor do Universo. Deus tem que estar em outro lugar, concluiu ele. Por mais estranho que possa parecer, o facto do cão ter urinado sobre o ídolo foi, para o jovem, um sinal de Deus. O sinal continha a mensagem divina de que, aquilo que ele adorava, era falso.

Consequentemente, a este jovem foi dada a possibilidade de escolher: ou procurava o Verdadeiro Deus, ou continuava emaranhado no erro.

Allah menciona a busca de Deus empreendida pelo Profeta Abraão, como exemplo da boa orientação cedida àqueles que seguem os Seus sinais:

«E assim fizemos ver a Abraão o reino dos céus e da terra, para que ele se contasse entre os convictos. Quando a noite o envolveu, viu uma estrela e disse: “Eis aqui o meu Senhor”. Porém, quando esta desapareceu, disse: “Não adoro os que desaparecem”. Quando viu despontar a lua, disse: “Eis aqui o meu Senhor”. Porém, quando esta desapareceu, disse: “Se o meu Senhor não me guiar, contar-me-ei entre os extraviados”. E quando viu despontar o sol, disse: “Eis aqui o meu Senhor; este é o maior”. Porém, quando este se pôs, disse: “Ó povo meu! Na verda-

de, não faço parte da vossa idolatria. Na verdade, eu dirijo a minha face para Quem criou os céus e a terra; sou monoteísta (hanif) e não me conto entre os idólatras”». (Alcorão, 6:75-79).

Tal como antes referimos, foram vários os Profetas enviados as todas as nações e tribos, de modo a apoiarem a crença natural do ser humano em Deus e a sua inclinação inata para O adorar, e reforçarem a Verdade Divina contida nos sinais por Ele diariamente revelados. Embora muitos dos ensinamentos destes Profetas tenham sido distorcidos ao longo do tempo, partes destas mensagens de inspiração Divina mantiveram-se incorruptíveis e serviram para orientar a Humanidade na escolha entre o Bem e o Mal. A influência que estas mensagens desempenharam ao longo de várias épocas pode ser observada nos Dez Mandamentos da Torah Judaica, mais tarde adoptados pelos ensinamentos Cristão, assim como na existência de leis contra o assassinato, o roubo e o adultério, presentes em várias sociedades do Mundo antigo e moderno.

Como resultado dos sinais de Deus enviados à Humanidade, juntamente com as revelações confiadas aos vários Profetas, a todo o ser humano foi cedida

a oportunidade para reconhecer o Único e Verdadeiro Deus.

Consequentemente, a todas as almas é exigido que respondam pela sua fé em Deus e a aceitação da sua verdadeira religião, ou seja, o Islão, que significa a total submissão à vontade de Deus.

Conclusão

A apresentação precedente demonstrou como o nome da religião Islâmica encerra em si o seu princípio central, ou seja, a submissão a Deus. Revela também que, o nome Islão, e segundo as suas Escrituras Sagradas, não foi escolhido pelo Homem, mas sim por Deus. Do mesmo modo, demonstrou-se que apenas o Islão ensina a unicidade de Deus e dos Seus atributos, impondo o culto prestado a Deus somente, sem a existência de intermediários. Por último, e devido aos sinais revelados por Deus e à inclinação divinamente infundida no ser humano para O adorar, o Islão pode ser alcançado por toda a Humanidade, seja em que época for.

Resumidamente, o significado do nome Islão (submissão a Deus), o seu reconhecimento fundamental da unicidade de Deus, assim como o facto de ser acessível a todos, independentemente da época em

que vivem, apoiam convincentemente a reivindicação Islâmica de que, desde os princípios dos tempos, e não obstante o idioma falado, esta era, e continuará a ser, a verdadeira religião de Deus.

Concluindo, rogamos a Allah, o Enaltecido, que nos mantenha no caminho certo para o qual nos orientou, e que nos conceda as Suas Bênçôes e Misericórdia, visto ser Ele o mais Misericordioso. Que Allah, Senhor dos Mundos, seja louvado, e que a Paz e as Bênçôes estejam com o Profeta Muhammad ﷺ e com todos os Profetas de Deus e os seus seguidores.

¹ Tanto o nome “Jesus” como o nome “Cristo” derivam do Hebraico, do Grego e do Latim. Jesus é a forma Portuguesa e Latina da palavra Grega “Iesous”, que em Hebraico diz-se “Yeshua” ou “Yehoshua” (Joshua). A palavra Grega “Christos” é a tradução do Hebraico “Messiah”, que significa “O Anunciado”.

² “Que a paz esteja com ele”: frase que é dita, em sinal de respeito, após mencionar-se o nome de qualquer um dos Profetas.